

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMAMARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 144

ASSIGNATURAS
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º Anno

Cartas d'Algueres

9 DE MAIO.

Continúa a discussão do convenio na camara dos pares. Mas já não é senão uma cerimonia. Agora já nem se pôde dizer que é para inglez ver. O inglez tem visto e revisto. E' para lançar poeira nos olhos do publico, ingenuo como sempre. E' para guardar as apparencias, como se diz em boa linguagem portugueza.

No fundo todos os partidos estimam o convenio. Todos o julgam preciso. Já nem é o convenio, precisamente, que se discute. Isso é coisa assente. O que é preciso, agora, é mudar de vida.

Outra vida! Outra vida! E' o que se proclama em toda a linha.

No fim de contas isto parece, decididamente, paiz perdido. A gente bem se quer convencer do contrario. Mas não pôde. Gritamos contra os pessimistas, não cahimos no abandono em que elles cahem, mas, digamos a verdade, é contra a nossa consciencia. A consciencia não pôde deixar de nos dizer que quem tem razão são elles. O nosso optimismo é todo forçado. Os nossos esforços são todos perdidos. A nossa coragem, de todos nós que a temos para lutar ainda, é uma coragem puramente individual, filha do nosso temperamento, do nosso brio, é a vergonha de retirar no campo da batalha quando a batalha se perdeu com ignominia, é a altivez das almas nobres que antes querem morte que baixez, é o impeto de desespero que se traduz na resolução de antes morte que má sorte. Mais nada. Pois nós podemos nós lá convencer de que ha rehabilitação n'esta terra, com esta massa de pulhas de todas as classes, de todas as gerarchias, de todos os partidos? Só se estivessemos doidos.

De vez em quando queremos enganar e attribuímos o mal a Lisboa, ao Terreiro do Paço, ao parlamento, á politica, ás eleições, etc. Tolice. E' a tal luta com a consciencia, com a razão. Ella ergue-se imperiosa cá dentro. E a gente a lutar com ella, a lutar, a querer engana-la, a ralar, a metter-lhe medo com palavras e com gestos. Mas acabamos por concordar. Ella não cança. Quem cança é a lingua, são os braços, a lingua que emudece, os braços que se abatem, a frente que se curva, deante d'aquella voz intima, tão serena, tão imperturbavel, tão inabalçavel, mas tão forte na sua sciencia e tão justa na sua implacabilidade. Concordamos, porque é forçoso concordar.

Tão corrompida está Lisboa como a mais infima aldeia do paiz.

Pelo contrario, em antes quero a corrupção de Lisboa que a corrupção d'estas cidades provincianas que eu conheço. A corrupção de Lisboa ainda affronta e incomoda menos. Quando não tenha outra vantagem tem a de não ser uma corrupção tão pelintra. Os pulhas de lá não são tão ordinarios, nem talvez tão pulhas. Com certeza: não são tão pulhas, porque a pulhice está na razão do meio. Quanto maior este é, menos baixo é o pulha, se entre pulhas ainda pôde haver graduações.

Esta pulhice provinciana do cidadão de meia tigela com entrada no Gremio é voto consultivo na alta roda, é tudo quanto ha de mais nojento. Abrenuncio! Eu antes quero a pulhice de Lisboa.

O Terreiro do Paço! Mas em que é o Terreiro do Paço mais corrupto que o Terreiro da Herva ou o Pateo das Vaccas? O pulha, ali, se faz differença, ainda é com toda a vantagem em favor do Terreiro do Paço.

E assim por deante. O mal não é de Lisboa, nem dos partidos, nem do parlamento, nem da politica, como todos nós dizemos ás vezes para calar a consciencia ou embotar a razão. O mal é do paiz, que é um vespeiro, que é um enxame de pulhas. E contra esse enxame é impotente, é inutil o esforço de uma pequenissima minoria de homens honestos e intelligentes.

Esta é que é a verdade.

Os mesmos, que falam agora em vida nova, são os que praticam amanhã mais vida velha do que nunca. Ai do que tiver a ingenuidade de tentar a tal vida nova! Cae-lhe o vespeiro em cima e come-o. E já tivemos o exemplo. O sr. Dias Ferreira teve uma administração economica e honesta, faça-se justiça a quem a merece.

Tentou diminuir a corrente dos desperdícios, dos esbanjamentos, das roubalheiras. O que lhe aconteceu? Foi corrido. Corrido, que é o termo. Corrido por todos, desde o palacio do rei até ao antro dos jacobinos. Monarchicos, republicanos, socialistas, tudo se juntou para troçar das suas economias, dos seus expedientes, das suas faculdades de estadista, das suas intenções honestas. Tudo! Este é o facto.

Que mais experiencias queremos nós?

O sr. Dias Ferreira não fez, evidentemente, quanto poderiam esperar os homens de revolta, e eu metto-me n'este numero. Mas o que fez, e o que tentou fazer, sem contestação, foi uma administração honesta, e digo-o hoje como o disse n'esse tempo. Pois foi isso que o matou.

E falam agora em vida nova!

E veem os do Centro Commercial do Porto dizer que não se juntam contra o convenio mas que estão promptos a juntar-se contra os processos administrativos postos em uso, como se elles próprios não houvessem sido os elementos mais funestos d'esses processos de vergonha e de ruina!

Ora basta de hypocrisia. E' dos taes casos em que o silencio é de ouro.

O convenio passa, não ha duvida. Nunca nós a tivemos a tal respeito, já porque a campanha contra o convenio tem sido feita com a inhabilidade de todas as campanhas em Portugal, já porque só uma revolução seria capaz de o impedir e a respeito de revoluções temos conversado.

Nem ha soldados para ellas, nem ha generaes. Temos conversado, temos conversado. Soldados que houvesse, os generaes são de tal ordem que seria impossivel fazer-lha triumphar. Nem ha generaes, nem é possivel have-los e esse é que é o mal. Ah! é que está a essencia de todas as nossas desgraças. Todo o homem que se levante, seja aonde fôr, com algum valimento, que se imponha ou distinga por elle, é logo deitado abaixo pela turba-multa dos pulhas. Seja aonde fôr: na cidade ou na aldeia, na capital ou na provincia, dentro dos partidos ou fóra dos partidos e sejam partidos do rei ou partidos contra o rei. A turba-multa dos mediocres e dos pulhas não permite que se eleve senão um mediocre ou um pulha, um que esteja na razão e na consciencia d'elles. Se estiver fóra d'essa razão e d'essa consciencia, a turba-multa abate-o, cheia de rancor e de ferocidade.

Esse é o mal, o grande mal.

O convenio passa. O convenio havia de passar fatalmente. E depois do convenio havemos de continuar na mesma patifaria em que temos vivido, até que a justiça alheia se imponha e proceda.

E Portugal terá, no fim de contas, a sorte que merece.

A. B.

THEATRO AVEIRENSE

Nos proximos dias 11 e 18 do corrente, vamos ter duas magnificas récitas, dadas pelos principaes artistas da companhia de D. Amelia, no Theatro Aveirense. Sóbe á scena: *Castello Historico* e *os Velhos*.

Tomam parte n'estes espectaculos os festejados artistas Eduardo Brazão, Rosa Damasceno e os irmãos Rosas.

São, portanto, duas récitas de primeira ordem.

A guerra na Africa do Sul

E' na proxima quinta-feira que os chefes boers celebrarão uma conferencia plenaria em Verceniguig. Depois de haverem decidido as condições da capitulação que estiverem dispostos a aceitar, irão a Pretoria a fim de regularem definitivamente a questão com o generalissimo lord Kitchener.

As ultimas impressões acerca das probabilidades da paz são optimistas.

O *Daily Telegraph* publica um despacho de Pretoria em que se afirma que os chefes boers continuam discutindo a paz com os diversos *commandos*, para o que andam fazendo excursões.

Acrescenta o mesmo despacho que o proprio Dewet é de opinião, e francamente o declara aos seus, de que é inutil proseguir na resistencia por absoluta impossibilidade de vencer, parecendo-lhe, portanto, preferivel negociar a paz sob as bases propostas pelos inglezes, que julgam rasoaveis.

Suicidou-se ha dias em Oliveira d'Azemeis Francisco Olympio da Fonseca, muito conhecido n'esta cidade.

Ignora-se o motivo a que levou o allucinado rapaz a pôr termo á existencia.

Xavier de Montepin

Falleceu em Paris, com setenta e nove annos, o celebre romancista popular Xavier de Montepin, victimado por um ataque de influenza.

Ao morrer, o auctor dos *Dois amores*, do *Fiacre n.º 13*, e de outros 380 romances, lega aos seus herdeiros uma grande fortuna.

Ha tempos escrevia Montepin a um jornalista francez:

«Não fiz outra coisa senão trabalhar. Rodeado de aves e de flores, inventei os maiores crimes do mundo. Trato agora de fazer um inventario das minhas obras. Se os meus personagens adquirissem vida real, encheriam todos os presidios de França.»

Anda-se procedendo a differentes melhoramentos locais e concelhios, considerados de reconhecida necessidade.

Francisco Conceiro
ADVOCADO
RUA DIREITA — 107
AVEIRO

O analfabetismo

NO

EXERCITO

Lia-se no *Commercio de Vi-zeu*, de domingo ultimo:

Methodo de João de Deus em infantaria 14

Prestaram na semana passada, as provas de aproveitamento os recrutas de infantaria n.º 14, que receberam instrução litteraria pelo methodo de João de Deus.

Assistimos a todas as provas e confessamos que elles nos deixaram maravilhados pelos magnificos resultados obtidos.

Não é possivel fazer mais, e difficilmente se consegue fazer tanto.

Vimos recrutas, analfabetos ao entrarem nas fileiras, ler, escrever e contar com desembaraço, tendo tido oitenta e noventa lições.

E' assombroso como resultado lisongeiro!

Vimos recrutas que muito imperfeitamente liam ao assentarem praça, patentearem um nucleo de conhecimentos bastante invejavel e que lhes desperta certamente no espirito a ideia das suas responsabilidades de soldados e de grandeza da sua missão social.

Foram interrogados em historia, geographia colonial, corographia do paiz, operações, arithmetica, entrando quebrados, decimales, systema metrico, etc. A tudo responderam satisfatoriamente e com inteira consciencia do que diziam.

Era até pittoresco e interessante observar os enleados recrutas, com as suas caras de simples e trajando os modestos fatos característicos dos grandes vultos da historia patria, D. João I, Nuno Alvares, D. João II, Vasco da Gama, Affonso de Albuquerque, referindo as nossas possessões africanas das duas costas, ou marcando no mappa os mais importantes accidentes corographicos ou hydrographicos do paiz.

Abençoado tempo, abençoada missão. Estes eram da companhia do sr. capitão Homem Christo.

Nas outras companhias tambem muitos aprenderam a ler, escrever e contar, tendo entrado para o exercito completamente analfabetos.

As vantagens da adopção do methodo de João de Deus nos regimentos e do ensino por companhia ficaram plenamente demonstradas.

Não pôde hoje haver duvidas a este respeito.

As provas já não são poucas n'aquelle regimento e todas as que se têm feito, tem sido concilidentes.

Ha tres ou quatro annos o sr. capitão Moraes ensinou um grupo de praças (cremos mesmo que todos os recrutas) da sua companhia, e colheu excellentes resultados. N'esse tempo, difficuldades de installação, de recursos, e não sabemos que mais obices proprios das nossas estações officiaes quando se trata de alguma coisa util, entibiaram a iniciativa do illustre official.

O anno passado o sr. capitão Homem Christo ensinou os re-

crutas da sua companhia e colhem os mais lisongeiros resultados. Todos os analfabetos que recebem ficaram sabendo ler, escrever e contar e com ligeiras noções de coisas.

Impressionado por este resultado o ministro da guerra auctorizou o ensino facultativo por companhias nos corpos da divisão.

A realidade corresponde tão cabalmente á expectativa que a percentagem obtida em infantaria 14, no aproveitamento dos analfabetos, ficando a saber ler, escrever e contar, é de 70,0. No esquadrão aquartellado n'esta cidade a percentagem é a mesma. Ignoramos a que se obteve nos outros regimentos.

Todavia estes são bastantes para justificar o estabelecimento do ensino obrigatorio pelo methodo Leão de Buns e por companhias. O ministro que o decretar não precisa de melhor serviço para bem merecer da patria.

Honra ao sr. capitão Homem Christo, e aos officiaes e soldados que o acompanharam em tão grandiosa cruzada.

Ha que rectificar, no que diz respeito ao sr. capitão Moraes.

Este senhor não ensinou o ensino por companhias, nem se lembrou d'isso. Ensinou o methodo João de Deus, sobre soldados escolhidos em mais do que uma companhia, a exemplo do que já outros officiaes tinham feito no exercito. E isso mesmo não foi por iniciativa propria, mas por iniciativa do general Sepulveda, então commandante da divisão, que era um grande partidario do methodo. E, n'estas condições, o sr. capitão Moraes poderia, realmente, colher excellentes resultados, porque não encontrou obices nem difficuldades nenhuma, como em contrario affirma o *Comercio de Vizeu*; mas, diga-se a verdade, não colheu resultados dignos de nota, ou porque não soube, ou porque não quiz.

Não dizemos isto para tirar merecimentos a ninguém, mas, apenas, para manter a verdade. E' pois opinião minha—dizia o sr. Moraes na sua pequena exposição sobre o que tinha feito—que desde que o contingente é licenciado quasi na sua totalidade, ao terminar a instrucção de recruta, o ensino, por qualquer methodo que seja é de TODO O PONTO IMPROFICUO.

Estas eram as palavras do sr. Moraes. Como outros que o tinham precedido chegava a um resultado meramente negativo, por isso que nem elle nem os outros faziam o ensino exclusivamente por companhias, nem exclusivamente durante os mezes da instrucção da recruta. Esta forma pratica e methodica só o sr. Homem Christo a iniciou no exercito e as experiencias de infantaria 14, do 4.º esquadrão de cavallaria 8, de infantaria 17 e não sabemos se d'outros corpos vem demonstrando quanto ella é facil e exequivel.

De resto, muito haveria que dizer, sobre o que se passa em infantaria 14, ligando-se mais ou menos com a iniciativa ou com as iniciativas do sr. Homem Christo. Muito, muitissimo e ha de se dizer, com mais larga publicidade mesmo que a que comporta o *Povo de Aveiro*. Mas não chegou ainda a occasião opportuna.

Esperemos, que não tardará. Também a *Revista de Infantaria*, publicação mensal auctori-

sada pelo *Ministerio da Guerra*, defendia, no seu ultimo numero, o ensino das primeiras letras no exercito, escrevendo n'estes termos:

«A pratica tem reconhecido a necessidade de simplificar todos os processos d'instrucção militar, ensinando-se unicamente o que é preciso, mas por forma tal que haja a convicção que o soldado saiba e comprehenda bem a sua alta e nobre missão. Para que elle a possa bem comprehender é necessario que saiba ler, o que no nosso paiz, infelizmente poucos sabem, apesar das escolas primarias espalhadas por quasi todas as localidades. Pelo menos, os contingentes que vem para a arina d'infanteria na sua grande maioria são compostos de individuos analfabetos, o que força a haver escolas nos diversos regimentos, que infelizmente não produzem o resultado que era para desejar, embora os professores se dediquem com zelo e boa vontade, porque a capacidade das aulas, o grande numero de discipulos e os diversos afazeres, impedem que esta parte primordial da instrucção militar se possa administrar com regularidade.

Parece, portanto, conveniente que se estude a forma das escolas do 1.º curso produzirem o que as civis não produzem, isto é, que os contingentes militares sejam todos ensinados a ler, escrever e contar. Será possivel? Hoje o soldado em instrucção tem uma theoria feita no quartel da companhia, além das outras duas instrucções militares diarias. A theoria da companhia, sem perder o seu caracter militar, podia satisfazer ao duplo fim:—ensino primario e militar. Para satisfazer ao ensino primario basta que ás companhias sejam distribuidos por conta das escolas regimentaes quadros e selectas para por elles se ensinar a ler, escrever e contar, sendo a materia d'esses quadros igual á que se ministra actualmente nas theorias.

Os professores seriam os officiaes e mais graduados das companhias.

Para complemento d'esta escola, haveria outra em cada regimento, regida pelo professor do 2.º anno, em que se completaria a instrucção professional para cabos, e se habilitariam estes para 2.º sargentos.

Pela forma proposta, parecidos que sem augmento de horas de trabalho para os officiaes, graduados e soldados, a instrucção melhoraria immenso.»

Francisco Conceiro

Acaba de abrir banca de advogado na rua Direita, d'esta cidade, o nosso conterraneo, sr. Francisco Conceiro, que certamente não será de mais; pois são bem poucos os advogados n'esta cidade em condições de tratarem com zelo e actividade dos negocios dos seus clientes.

Suicidou-se em Lisboa o filho mais velho do celebre medico Urbano de Freitas. O cadaver do desventurado rapaz foi transportado para o Porto, para ser depositado no jazigo que a familia possui no cemiterio da Lapa.

Um monstro

Dizem de Pariz que o tribunal de Chalons-sur-Saone condemnou a 8 annos de prisão a mulher Desbrosses, a qual depois de ter estrangulado uma criança que sua filha acabava de dar á luz, cortou o pequeno cadaver, queimando successivamente os pedaços n'um forno.

Musica no jardim

Hoje das 3 ás 5 da tarde toca no Jardim Publico a banda de infantaria 24.

Grande catastrophe

Erupção vulcanica—Uma cidade destruida—Innumeras victimas.

NEW-YORK, 8, tarde.—Noticias levadas a S. Thomas pelo vapor «Rodam» dizem que a cidade de S. Pedro da Martinica está completamente destruida por uma erupção vulcanica; os seus edificios mesmo á beira mar ficaram arrasados, morrendo na derrocada os habitantes.

O vapor «Rodam», que estava fundado, perdeu elle proprio 17 honras, pela ultima explosão do vulcão contava 200.000 habitantes.

NEW-YORK, 8, noite.—Segundo dizem de S. Thomas augmenta com a maxima intensidade a lava do vulcão Mont-Pelée em S. Pedro da Martinica.

PARIS, 9, meio dia.—O ministerio da marinha acaba de receber do commandante do cruzador «Suchet» o telegramma seguinte:

Fort de France, 8, ás 10 h. da n.—Volto de S. Pedro da Martinica. A cidade acha-se completamente destruida por uma massa do fogo que se manifestou com a maior violencia ás 8 horas da manhã de hoje. Julga-se que quasi toda a população ficou aniquilada. Trago a bordo alguns sobreviventes, uns trinta. O fogo chegou aos navios que estavam na enseada; alguns acham-se perdidos. A erupção do vulcão continua. Parto para Guadalupe para buscar viventes.

A nova moeda de prata e nickel

Como é sabido, o sr. ministro da fazenda, apresentou á camara dos deputados, uma proposta de lei pela qual o governo seria auctorizado a transformar em novas moeda de prata de 200 e 100 réis as actuaes moedas de 200 réis e a quantidade necessaria das de 500 réis ao presente em circulaçáo; e tambem a crear novas moedas de nickel de 20, 10 e 5 réis em substituição das de bronze.

Essa proposta, cuja urgencia se impunha e impõe, attenta a abundancia de falsificação da actual moeda de bronze e de nickel, ficou pendente da sancção legislativa; mas já ha estudos feitos para que, transformada em lei, possa ser rapidamente posta em execuçáo.

Manuel Gonçalves Moreira

A fim de se restabelecer dos seus ultimos padecimentos, partiu na ultima terça-feira para a Ilha da Madeira, o nosso patrio e amigo, sr. Manuel Gonçalves Moreira, proprietario dos Armazens de Beira-Mar.

Desejamos-lhe uma feliz viagem, e que volte em breve completamente restabelecido para prazer dos seus numerosos amigos.

Envenenadora

Foi presa na aldeia de Boklan, na Prussia, uma mulher por ter envenenado o quarto marido. Na prisão confessou que tinha envenenado os outros tres, por isso que no fim de seis mezes estava aborrecida d'elles.

Protecção aos jornaes nos Estados-Unidos

A lei da imprensa nos Estados-Unidos obriga qualquer pessoa que receber um jornal a pagalo, ainda que não tenha pedido a sua assignatura.

Quando qualquer pessoa não queira assignar tem de devolver o jornal á administração.

Aquelle que mudar de residencia sem o participar á administração, continuando esta a enviar o com a antiga direcção, é obrigado a pagar, e é considerado pela lei réo de fraudulencia.

A lei postal dos Estados-Unidos considera criminoso e sujeito a ser preso pela administração do jornal aquelle que, depois de longo tempo de receber o jornal, participar que o não quer e se recusar a pagalo.

Em Portugal dá-se exactamente o contrario.

O «Diario do Governo» publicou a seguinte tabella do custo que a instrucção primaria no districto de Aveiro tem de dar no corrente anno. Ella é:

«Agueda, 943\$070 réis; Albergaria-a-Vella, 728\$200; Anadia, 1:491\$200; Arouca, 742\$495; Aveiro, 1:769\$430; Castello de Paiva, 320\$000; Espinho, réis 191\$627; Estarreja, 1:083\$520; Feira, 1:277\$478; Ilhavo, réis 438\$500; Macieira de Cambra, 406\$380; Mealhada, 425\$703; Oliveira d'Azemeis, 2:625\$521; Oliveira do Bairro, 301\$090; Ovar, 963\$909; Sever do Vouga, 295\$000; Vagos, 415\$295 réis.»

Uma ninharia de 14:428\$418 réis que o districto tem de pagar e não bufar.

PLEITO CURIOSO

Difficil justificação de paternidade—Uma creança com dois paes.

Conta o *Janeiro*:

«Já depois de ter dado que fazer nas estações policiaes, anda agora a pleitear-se em juizo um caso devéras interessante, que passamos a expôr summariamente:

Uma dama qualquer, de quem o nome não vem para o caso, manteve em tempo as mais estreitas relações com certo individuo, fazendo com elle vida marital. Succede, porém, que, por motivos que ignoramos, os dois se zangaram e desfizeram a aliança em que viviam.

Não sabemos se decorrido muito se pouco tempo a alludida dama seduziu com seus affectos um outro individuo que passou a viver com ella nas mesmas condições do primeiro.

Durou annos essa união, estreitada por uma intima harmonia que o nascimento d'um filho mais arreigou ainda. Mas um dia quiz a fatalidade que os dois se desviassem por modo a cortarem as relações e jurarem-se odio de morte. O amante levou a creança, a quem considerava seu filho, e conservou-o sempre na sua companhia.

Decorre tempo e a mãe da creança casa com o individuo com quem primeiro viveu maritalmente, e, no acto do casamento, legitimam o pequeno como filho d'um e d'outro!

Feito isto trataram de reclamar o filho, mas o verdadeiro pae—ao que se diz—não o entregou. Foi chamada a intervenção da policia que nada pôde resolver e então o caso resvalou para o tribunal.

O delegado do ministerio publico, allegando, justificadamente, incompetencia de juizo, mandou archivar a queixa, mas logo

o processo foi instaurado no fóro civil, por onde seguiu os devidos tramites até ser proferida a sentença que mandou entregar a creança aos dois esposos, baseada na certidão de casamento em que o pequeno era legitimado como filho dos nubentes!

Esta paternidade é contestada pelo segundo amante, que perfilhou a creança por meio de escriptura publica e que agora apellou para a Relação da sentença do juiz.

O facto é talvez novo nos tribunaes portuguezes e ha curiosidade em vêr como esta picara contenda se resolve.»

Foi nomeado continuo do governo civil o sr. José de Pinho, sendo promovido ao lugar de porteiro, o sr. Luiz Francisco Teixeira.

Envenenamento

Deu-se agora no logar do Colmeal, perto de Mira, um caso de envenenamento que a justiça trata de averiguar. A uns tres mendigos, que bateram a um portal, foi-lhes dado feijões cosidos com arroz, que elles comeram, morrendo envenenados poucos dias depois, tendo a mesma sorte o proprio dono da casa, que tambem comera parte d'aquelle cosinhado.

Corre por lá que o envenenamento se deu, produzido por saes de cobre resultantes da pouca limpeza e demora do alimento no vazilha em que foi cosinhada; mas tambem se suspeita que o envenenamento fóra causado por pessoa que desejava vêr os donos da casa longe da vista.

A justiça o dirá depois.

Principiaram já nas costas do littoral os trabalhos de pesca. Por enquanto as rédes não tem arrastado senão petinga, que é vendida por bom preço.

Bispo de... Cognac

Um espirituoso bispo de Angoulême, contava a seguinte pittoresca anedocta que lhe succedera quando um dia foi visitar o Vaticano:

«Quando fui advertido que ia ser introduzido junto de S. Santidade, um camareiro pediu-me que lhe indicasse os meus titulos. Em seguida, e abertas as portas de par em par, entrei n'uma immensa sala onde já se encontravam numerosos cardeaes e muitissimos bispos.

O camareiro annunciou:

«Sua grandeza Monsenhor o bispo de Angoulême». Na assistencia ninguém se buliu! Angoulême! Onde se encontraria essa terra!

Demais, e como é sabido, na Italia, onde ha um bispo em cada localidade apenas semelhante a uma das nossas mais pequenas capitães de cantão, um bispo não é positivamente uma grande coisa.

Ora que? Ou se é francez ou se não é! Voltei-me rapidamente para o camareiro e disse-lhe: «Senhor, ha-véis omitido um dos meus titulos mais importantes.

Pego-vos que annuncieis o bispo de Angoulême e de Cognac.» Elle assim o fez. Ah! que movimento em todos os assistentes!

Toda a gente se voltou para mim, o que me convenceu logo que não havia cardeal, nem bispo, nem padre, nem guarda nobre, etc., etc., que ignorasse existir uma bella agua de perfume que faz a grandissima reputação da nossa querida cidade de Cognac. E foi por duas fileiras adoladoras, formadas por todos esses altos dignitarios, que cheguei até junto da cadeira em que se assentava o pontifice Leão XIII, o qual me acolheu encantadoramente, dispensando-me as maiores attentões.»

Uma pavorosa... no paraíso!

Conta Alexandre Dumas no Coriciclo que o padre Rocco, muito popular em Napoles nos fins do seculo passado; conseguiu o que até ali ninguém lograra: que Napoles fosse illuminada, sem que os lazzaroni quebrassem os candieiros. Para isso co meçou por accender cirios na rua de S. José, diante d'um nicho santo, e depois um candieiro. Os lazzaroni quebraram o candieiro. Então padre Rocco annunciou que ia pregar, e os lazzaroni reuniram na igreja de S. José para ouvir. Eis como Alexandre Dumas narra a scena que se seguiu:

Padre Rocco subiu ao pulpito abriu a bocca e todos se calaram.

—Meus filhos, disse elle, é bom que saibam que fui eu que mandei pintar o S. José que puderam admirar na rua que tem o nome d'este grande santo.

—Bem o sabemos, bem o sabemos! disseram em côro os lazzaroni.

Padre Rocco, ao contrario de uma multidão de pregadores que pensam de attenção que ninguém os interromperá, padre Rocco, repito, provocava habitualmente o dialogo.

—Meus filhos, continuou elle, é sabermos que fui eu que puz um cirio diante de S. José.

—Tambem sabemos.

—E, enfim fui eu que puz um candieiro diante de S. José.

—Mas porque é que puz um candieiro diante de S. José, quando se não põem candieiros diante dos outros santos?

—Porque S. José, tendo mais poder do que todos os outros, no cen, deve mais do que todos os outros, ser respeitado na terra.

—Oh! disseram os lazzaroni, alto lá, padre Rocco; em primeiro logar temos Deus Nosso Senhor, que é mais do que elle.

—Concordo, disse o padre Rocco.

—Nossa Senhora.

—Pardão. Nossa Senhora é sua mulher.

—Jesus Christo.

—Jesus Christo é seu filho.

—O que quer dizer?...

—Que o marido é o pae, são mais do que a mãe e o filho.

—Então S. José tem mais poder que Nossa Senhora?

—Tem.

—Mais poder do que Jesus Christo?

—Mais.

—Então que poder tem elle!

—Tem o poder de fazer entrar no cen todos os que foram seus devotos na terra.

—Fizessem elles o que fizessem?

—Sim.

—Mesmo os bandidos?

—Mesmo os assassinos?

—Mesmo os assassinos.

Houve um grude murmuro de du vida na assembléa. Padre Rocco eruzou os braços, e deixou o murmuro subir decrescer e extinguir-se.

—Davidam? disse o padre Rocco.

—Hum! resmungam os lazzaroni.

alcangar de Deus Nosso Senhor que um reprobado como eu possa entrar no paraizo. Qualquer outro perderia o seu latim em semelhante empresa. Não conto senão convosco, ó grande S. José. Eis a oração que elle fazia todos os dias.

—E então?... perguntaram os lazzaroni.

—Então, respondeu o pregador, quando se viu na escada da forca, nas mãos do carrasco, de corda na garganta, pediu licença para dizer uma reza. Concederam-lha. Então repetiu a sua oração habitual, e á ultima palavra d'essa oração, sem esperar que o carrasco o empurrasse, saltou da escada para o vazio. Cinco minutos depois estava enforcado.

—Vi-o eu enforcar, disse um dos assistentes.

—O que eu digo é assim ou não é? perguntou o pregador.

—E' a verdade para.

—Depois? Depois? bradaram os lazzaroni que principiavam a tomar um vivo interesse na narração do padre Rocco.

—Apenas Mastrilla morreu, viu duas estradas abertas diante d'elle, uma que ia subindo, outra que ia descendo. Quando uma pessoa acaba de ser enforcada, não admira que não saiba o que que faz. Mastrilla tomou o caminho que ia descendo. Mastrilla desceu, desceu, desceu, durante o dia, uma noite e mais um dia; enfim encontrou uma porta. Era a porta do inferno. Mastrilla bateu á porta. Plutão appareceu.

—D'onde vens tu? perguntou Plutão.

—Da terra, respondeu Mastrilla.

—Que queres tu?

—Quero entrar.

—Quem és tu?

—Sou Mastrilla.

—Não tens cá lugar; passaste a vida a rezar a S. José, vae ter com o teu santo.

—Onde é que elle está?

—Está no ceu.

—Por onde se vae para o ceu?

—Volta por onde vieste, encontras um caminho que sobe, mettes por elle, e depois vae sempre a direito, ao fim está o ceu.

—Não tem que errar?

—Não.

—Muito obrigado.

—Não ha de quê.

Plutão fechou a porta e Mastrilla tomou o caminho do ceu. Subiu um dia, uma noite e mais um dia; depois subiu ainda mais uma noite um dia e outra noite, e achou uma porta. Era a porta do ceu. Mastrilla bateu á porta. Appareceu S. Pedro.

—D'onde vens tu? perguntou S. Pedro.

—Venho do inferno, respondeu Mastrilla.

—Que queres tu?

—Quero entrar.

—Quem és tu?

—Sou Mastrilla.

—O quê! exclamou S. Pedro; és Mastrilla o bandido! Mastrilla o ladrão! Mastrilla o assassino, e pedes para entrar no ceu?!

—Então, não me querem receber no inferno, disse Mastrilla; e eu para alguma parte hei de ir.

—E porque é que te não querem no inferno?

—Porque fui toda a minha vida devoto de S. José.

—Cá temos outro! disse S. Pedro; então isto não acaba! Pois adeus! estou já farto de ouvir sempre a mesma cantiga. Não entras.

—Como, não entro?

—Bonito, disse S. Pedro; não faltava mais nada!

—Então que temos? perguntou S. José.

—Nada, disse S. Pedro; absolutamente nada.

—Nada, ora esa! protestou Mastrilla. Então chamei a isto nada! Mandame para o inferno, e não quer que eu grite!

—Porque é que manda este homem para o inferno? perguntou S. José.

—Porque é um bandido, respondeu S. Pedro.

—Mas talvez se arrependesse á hora da morte.

—Morreu impenitente!

—Isso não é verdade!... bradou Mastrilla.

—A que santo te pegaste quando morreste? perguntou S. José.

—A vos mesmo, grande santo, a vós e a nenhum outro. Também S. Pedro se faz o que faz, e por invenção.

—Quem ca tu rogou? perguntou S. José.

—Sou Mastrilla.

—O quê! és Mastrilla o meu bom Mastrilla, que todos os dias me fazia a sua oração?

—Sou eu mesmo em pessoa.

—E que no momento da morte se dirigiu a mim?

—Exclusivamente.

—E elle não te quer deixar entrar?

—Se não passasseis por aqui, era negocio findo.

—Meu caro S. Pedro, disse S. José tomando um ar digno, espero que deixe entrar o homem.

—Isso é que não! disse S. Pedro. Ou sou porteiro ou não sou. Se não estão contentes com o meu serviço, demitam me, mas, enquanto aqui estiver, quem governa esta porta sou eu!

—Bem! disse S. José, pois então Deus Nosso Senhor que resolva o caso. Parece-me que a esse não contes tará o direito de abrir o paraizo a quem quizer.

—Está dito! Vamos ter com elle.

—Mas ao menos deixe entrar o homem.

—Que espere á porta.

—Que hei de eu fazer, grande santo? perguntou Mastrilla. Meto hombros á porta ou obedeco?

—Espera, meu amigo, disse S. José, e ou tu entras ou eu saio.

—Esperarei, disse Mastrilla.

S. Pedro fechou a porta, e Mastrilla sentou-se no degrau.

(Continúa)

A FIANDEIRA

Fazes bem mal, fiandeira, Em fiar de noite e dia Essa linhagem grosseira!

Mal empregada canceira Que tem na vida quem fia!

Eu fui tambem fiandeiro: Fiava ternos cuidados Em vez de linho trigueiro... Fez-se-me a roca em bocados E já não sou fiandeiro!

Passára os dias fiando, E só tristezas e dôres Já no fundo enrolando... Ai, antes no linho brando Do que fiar em amores!

Chega-se ao cabo do dia E a roca por zehar, Sempre de mesma maneira! E vem depois a canceira E a roca a gente a chorar Sobre a mortalha que fia!

Mal empregada canceira Que tem na vida quem fia... João Saraiva.

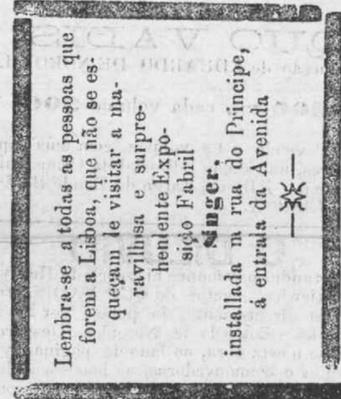
Tremor de terra

Sentiu-se no dia 5 em Murcia e seus arredores um violento tremor de terra. Cahi a cruz de pedra que encimava a cathedral. Em Alberca deabaram muitos predios.

Segundo as ultimas noticias, estão sem abrigo centenas de pessoas.

HORARIO DOS COMBOIOS

Table with train schedules for Aveiro to North and Aveiro to South, listing departure times for morning and evening services.



HENRY SIENKIEWICZ

(auctor do «Quo Vadis»)

HANIA

primorosa novella polaca do celebre auctor do «Quo Vadis», «Sem dogma», «Diluvio», «Sigamolo!»

Preço de cada volume illustrado com uma capa a cores

Preço 300 réis

Pedidos á Direcção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, ou aos seus correspondentes.

Desastre

Na terça-feira deu entrada no hospital d'esta cidade o infeliz guarda-freio dos caminhos de ferro, Manuel Luiz Francisco, que na estação das Quintãs caiu abaixo do comboio, esmigalhando um pé, que teve de ser amputado.

Nevada em França

Tem cahido grandes camadas de neve nas montanhas de Jura e nos valles proximos, onde causaram grandes estragos ás colleitas e arvores de fructa.

TIPOGRAPHIA

POVO DE AVEIRO

Acba de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encarregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

O consummo do rapé

A proposito do consummo do rapé, encontramos n'um jornal uma espirituosa noticia que para aqui transcrevemos por a acharmos interessante. E' como segue:

«Caminha já de vento em pópa a moda de tomar rapé. E, como tudo que fór moda, tem de aguentar-se, em breve praso de tempo veremos por ahí, ás escancaras, tudo a tomar a sua pitada, quer queira, quer não quei-

ra, do puro e do genuino grosso e meio grosso, porque em Londres e Paris já tudo toma muito honradamente, nas ruas, nos salões, por toda a parte emfim, sem vergonha, sem pejo,—mas á moda. Pitada á antiga portugueza ou á pae Adão... isso já lá vae, já se não usa. Agora são á estrangeira. Em tudo mette o bico o raio da moda.

Qualquer dia rebenta em Portugal, e ai d'aquelles que não tomarem ou offerecerem a sua pitada, mas á moda, já se vê. Os de grande tom, londrinos e parisienses tomam rapé á moda? Isso basta para serem segnidos, ora verão.»

O OCCIDENTE

São magnificas as gravuras publicadas em n.º 840 da Occidente, e de grande actualidade: retrato do capitão João d'Azevedo Coutinho commandate da expedição de Barué; Companhia de opera lyrica do Colyseu dos recreios, retratos dos principaes artistas e do empresario Antonio Santos; a recita dos estudantes em Lisboa, retratos dos auctores da peça Até que m'im, drs. Augusto de Castro e João Lucio, retrato do maestro Manuel Benjamim, grupo dos quintanistas que tomavam parte na peça Até que emfui; Cathedral da guarda.

O texto consta dos seguintes artigos: Chronica Occidental, por D. João da Camara; As nossas gravuras; A Cathedral da guarda, por Rezendo Carvalho; A escola de enfermeiros, por Victor Ribeiro; Meteorologia Popular, por Antonio A. O. Machado; o Frasco de prata por Eugéne Berthoud; Meteorologia, etc.

CONHECIMENTOS IUTEIS

CONTRA AS DORES DE DENTES

Tome-se um pouco de pedra hume e reduza-se a pó finissimo, introduzindo-o em seguida no dente furado. A dôr desaparece á medida que a pedra hume se fór dissolvendo no dente. Repita-se a operação de cada vez que a dôr renasça.

Este remedio previne a carie, porque a pedra hume tem qualidades antisepticas.

ANNUNCIOS

SAPATARIA REIS R. DOMINGOS CARRANCHO (A'S CINCO RUAS) AVEIRO

O proprietario d'esta acreditada sapataria, José Almeida dos Reis, participa aos seus estimaveis freguezes que mudou o seu estabelecimento da Costeira para a sua casa da rua Domingos Carrancho, onde lhe deu uma instalação mais apropriada.

Como sempre, o seu empenho é bem servir todos os que procuram a sua casa e, para isso, ao mesmo tempo que se encarrega de todas as encomendas por medida, tem á venda um grande sortimento de calçado fino para homem, senhora e creanças.

Todos os que conhecem as obras que sahem da sua casa, sabem que ellas se recommendam pela perfeição de corte, excellentemente acabamento e incomparavel modicidade de preços.

O proprietario agradece desde já a visita com que o publico se dignar honrar o seu novo estabelecimento.

«Povo de Aveiro, Em Aveiro, vende-se na «Pasteleria Cysne.» Em Lisboa, na tabacaria Monaco.

Bibliotheca

HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edicções, ao alcance de todas as bolsas. QUO VADIS? (2.ª edicção) de H. Sienkiewicz. — 3 volumes. VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza. — 1 vol. EULALIA PONTOIS, de F. Souh. — 1 vol. A AMOREIRA FATAL, de E. Berthel. — 1 vol. SENHOR EU, de Farina. — 1 vol. Cada volume, 100 rs. Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

HISTORIA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA

De 1820. Illustrada com magnificos retratos dos grandes patriotas daquelle época. ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA. Os editores d'esta importante e patriótica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, aos fasciculos semanaes de 32 paginas, afim de facilitar a entrada d'este grande livro em todas as familias portuguezas. A HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820 tem de ser para todos os portuguezes uma verdadeira reliquia da familia, tem de ser guardada na bibliotheca de cada lar como testemunho authentico do patriotismo e dos feitos heroicos dos nossos avós, que como leões lutaram pela santa causa da liberdade.

Condições da assignatura extraordinaria. Cada fasciculo de 32 paginas 60 réis. Cada vol. brochado..... 1.500. Obra completa (4 vol) 6.000. A assignatura por fasciculos pode ser mensal, quinzenal, ou semanal á vontade do assignante. Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.ª, rua do Almada, 123, PORTO.

EM AVEIRO—Livraria Nello Guimarães.

COMPANHIA NACIONAL EDITORA. Successora da antiga casa David Corazz.

Viagens Maravilhosas. Coroadas pela academia franceza.

A CARTEIRA DO REPORTER. POR JULIO VERNE.

Com esplendidas illustrações de L. BENETT, Trad. de PEDRO VIDOEIRA.

AMBICÃO D'UM REI. ROMANCE PORTUGUEZ.

Original de EDUARDO DE NORONHA illustrado a cores por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

A distribuição nas provincias será feita quinzenalmente a fasciculos, contendo 7 folhas ou 56 paginas e uma gravura colorida. 1.200 rs.—cada fasciculo—1.200 rs.

Os pedidos d'assignatura podem ser feitos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa ou aos seus correspondentes.

Cathecismo Moderno (ILLUSTRADO).

Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso.

Preço 50 réis. A venda na Livraria Physio, Rua Formosa, 282, PORTO.

NOVIDADE LITTERARIA

ALMANACH HACHETTE

PARA 1902

Já se acha á venda na livraria Nello Guimarães, d'esta cidade, 50 rs. cada semana, ao acto da entrega.

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

tradução de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume 300

A venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

O DILUVIO

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenvolva-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as homéricas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.

A venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a cores.

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

Jayme Duarte Silva. ADVOCADO.

R. DO SOL—AVEIRO

"O NORTE"

Em Aveiro vende-se no kiosque Central.

A NOVA PHASE

SOCIALISMO

por JOÃO DE MENEZES

A venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160 LISBOA.

PREÇO 200

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

por F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a cores por Manuel de Macedo e Roque Gameiro. Nos Mystérios da Inquisição descrevem-se hecrites que agitam affiotivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escapellam-se figuras d'ouros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, suscita-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, pregos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A venda no estabelecimento de Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

ACREDITADA FABRICA "PFAFF," Fundada em 1862

EM Kaiserslautern

são estas as melhores machinas de costura

A machina PFAFF para costureiras.

A machina PFAFF para alfaiates.

A machina PFAFF para modistas.

A machina PFAFF para sapateiros.

A machina PFAFF para seleiros.

A machina PFAFF para corrieiros.

A machina PFAFF para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráia ao mais grosso cobedal.

A machina «PFAFF» e sem duvida a rainha de todas as machinas de costuras

Ensino gratis. Garantia illimitada.

A prestações e a dinheiro com grandes descontos.

Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiais.

Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.

Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente.

Pedidos a José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

Vinho de Bucellas

O legitimo vinho de Bucellas so se vende em Aveiro no estabelecimento de José Gonçalves Camellas, á Praça do Peixe.

CONSULTORIO DENTARIO

DE THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra

Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega se do concerto de dentaduras

R. DIREITA, 58, 1.º Aveiro

NOVIDADE LITTERARIA

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a cores e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

ALVARO DE MORAES FERREIRA

MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 42 a 44

ARMAZENS DA

BEIRA-MAR

DE MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes Clement e machinas de costura Memoria, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Lonças de porcelana, quinquilharias, bijonterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e cordas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.— Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79